

## O LUGAR “NÃO LUGAR” DA MULHER AFRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DE “OLHOS D’ÁGUA”

Camila Morgana Lourenço (Univali)<sup>1</sup>

**Resumo:** A seleta de contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, reúne narrativas que, na sua trama e variação temática, repercutem o tempo presente de vidas aparentemente enredadas a uma condição social fortemente excludente e irreversível. Nelas, o feminino afrodescendente assume a dianteira dos enredos pelo recorte operado sobre o circunstancial do cotidiano insalubre dessas mulheres. Neste sentido, ao estetizar tal feminino nas narrativas e fomentar a constituição de uma nova estética literária marginal nacional, o interesse artístico da escritora parece também residir na possibilidade de tocar a história e/ou renunciar à própria história para reescrevê-la, mimeticamente, no espaço literário na perspectiva de quem busca (re)[a]firmar o seu lugar social. **Palavras-chave:** Conceição Evaristo; poéticas marginais; conto contemporâneo.

O que, de fato, marca uma possível marginalidade poética na literatura brasileira tecida, comercializada e veiculada na contemporaneidade — notoriamente atravessada por produções ficcionais multifacetadas, de autorias diversas, não à toa originárias de territórios também marginalizados, e exploradoras de suportes igualmente não tradicionais? Certamente mais do que a mera panfletagem temática em favor de minorias sociais reconhecidas pelos universos político e acadêmico.

Beatriz Resende (2008), ao localizar e, de alguma forma, também mapear a prosa de ficção brasileira nesta temporalidade batizada por ela de Era da Multiplicidade, atribui-lhe algumas dominantes. Fertilidade, qualidade e multiplicidade figuram neste rol de produções e se revestem de uma perspectiva então considerada bem-vinda, original, libertária e reativa diante do sistema literário brasileiro — com seus padrões, suas heranças e suas amarras; ou seja, com “seus códigos, sua tradição e seus guardiões” (DALCASTAGNÉ, 2012, p.21).

A fertilidade das manifestações, ao abrir o conjunto de dominantes, é creditada basicamente ao extenso volume de produções ficcionais publicadas no país e ao surgimento de parques editoriais, vozes oriundas de campos tradicionalmente afastados do universo literário, concursos literários com premiações mais convidativas e espaços híbridos de lazer contemplando o livro. A seguir, Beatriz Resende (2008) registra a qualidade dos textos — verificada na experimentação, no esmero com a escrita, no manejo da potencialidade da sintaxe linguística e no diálogo sofisticado com a tradição

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo (Univali), Mestre e Doutora em Teoria da Literatura (UFSC), docente na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Contato: cami@univali.br.

literária e outras artes — e o cuidado com a feitura da obra em si. Por fim, a pesquisadora apresenta a multiplicidade, traduzida no convívio da diversidade de linguagens, formatos, temas, concepções, recursos e suportes para o alcance do leitor, indicando encontros, fusões, interações e inclusões de diferenças e de diferentes na criação literária, especialmente entre os novos representantes da prosa ficcional brasileira. Essa característica, conforme também destaca Beatriz Resende (2008), pode estar associada à pluralidade própria dos movimentos culturais e artísticos posteriores ao modernismo, que sinalizam a coexistência de múltiplas poéticas, pois o imaginário e as práticas culturais também reagem à força engolidora da globalização. Sobretudo porque, segundo ela,

Tanto a fertilidade quanto a multiplicidade têm muito a ver com a realidade vivida pelo país hoje, sob diversos aspectos. Em um plano maior, a solidificação do processo democrático garante mais do que o inspirador clima de liberdade, a democracia plena assegura a representação popular nas instâncias de poder, a organização e a expressão dos movimentos populares e, sobretudo, provoca uma inédita preocupação com a necessidade de inclusão, por diversas formas, de todas as camadas da população no processo de criação e difusão da cultura. (RESENDE, 2008, p.24).

Neste panorama, a coletânea de contos “Olhos d’água” (2016), da escritora mineira Conceição Evaristo (1946-), surge como plataforma fértil aos estudos literários, ao reunir 15 narrativas breves que, na sua trama e combinação temática, repercutem o tempo presente de vidas aparentemente enleadas a uma condição social e existencial fortemente excludente e irreversível — assentada em fatores étnicos, culturais, sexistas, socioeconômicos e políticos —, sem deixar de acusar o passado e esboçar um futuro potencialmente incapaz de se desvincular das suas raízes para edificar uma realidade apta a neutralizar dissabores histórica e culturalmente instituídos — tal qual é possível ler no fragmento do conto que dá nome ao livro: “Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância.” (EVARISTO, 2016, p.16), registra a narradora, recuperando passagens da memória:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou

nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. (EVARISTO, 2016, p.16-17).

E quem é essa “mãe-lúdica” que, mesmo sem esconder o desalento da face — pois “só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado” (EVARISTO, 2016, p.17) —, escolhe, para ludibriar a miséria física, enredar o imaginário da prole feminina à infinidade de desenhos ensaiados pelas nuvens no céu até vislumbrar algodões doces para trazê-los, em pedacinhos colhidos à mão por ela, e dividi-los entre as sete herdeiras de si — observadoras da “galeria-céu”<sup>2</sup> acima do “barraco-morada”? Da velocidade de extração e destinação do “alimento-fantasia” dependiam aqueles sonhos pueris residentes na periferia carioca. “Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.” (EVARISTO, 2016, p.17).

A mãe do conto *Olhos d'água* é mais uma das personagens negras do livro que — como a filha narradora, como Ana Davenga, como Duzu-Querença, como Maria, como Natalina, como Salinda, como Luamanda, como Cida, como Zaíta — administram contextos, fazeres, problemas, soluções, desejos, carências, excessos; viveres comuns a centenas de moradores de favelas e de outros universos periféricos instalados na arquitetura urbana atual. É mais uma herdeira de trajetórias de vidas negras perseguidas por violência, miséria e opressão — feito a neta de Duzu-Querença, e seu fio de esperança, no conto *Duzu-Querença*:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro — lixo talvez — brilhavam no chão. (EVARISTO, 2016, p.36-37).

De fato, a ênfase das narrativas em **Olhos d'água** incide notoriamente sobre a valorização de personagens femininos afrodescendentes, que encabeçam os enredos por

---

<sup>2</sup> A autora se utiliza, enquanto recurso estilístico, de várias palavras combinadas no decorrer do livro.

meio da incisão aplicada pela escritora sobre o circunstancial do cotidiano insalubre dessas mulheres — sempre às voltas com episódios de uma realidade urbana violenta, discriminatória, preconceituosa, opressora e miserável; a exemplo do trecho extraído do conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, que se ocupa da efemeridade da vida da menina Zaíta, uma das caçulas de Benícia, irmã gêmea de Naíta e de outros dois irmãos crescidos, que sai pelo morro à procura da então perdida “figurinha-flor” sem talvez se amedrontar com o início de mais um tiroteio na favela, envolvendo o irmão infrator, o mais novo, líder do grupo mais armado, até ser encontrada por Naíta em meio a outros cinco ou seis corpos:

O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. (EVARISTO, 2016, p.76).

Trata-se, por outro lado, de também demarcar, na estrutura dramática literária, a temporalidade presente e a violência nas grandes cidades, duas marcas da prosa de ficção na contemporaneidade. “A cidade [...] torna-se, então, o *locus* de conflitos absolutamente privados, mas que são também os conflitos públicos que invadem a vida e o comportamento individuais, ameaçam o presente e afastam o futuro, que passa a parecer impossível.” (RESENDE, 2008, p.33). Afinal, com a de Zaíta, outras vidas jaziam no chão ao final da narrativa, convocando a pergunta: por que a personagem seguiu em sua preocupação apesar do perigo iminente, desmerecendo os demais apelos<sup>3</sup>?

Neste contexto, Conceição Evaristo ignora, a cada página, autorizações formais para imprimir a dicção da experiência negra no texto e inserir a produção no circuito literário, confrontando catálogos povoados por produções de autoria branca, masculina e elitizada para veicular imagens simbólicas do feminino negro, sistematicamente sub-representado e economicamente segregado, que reagem à censura tacitamente imposta por construções culturais naturalizadas — portadoras de uma legitimidade de fala até

---

<sup>3</sup> Zaíta é alertada, por duas vezes, do perigo: “Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contedores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio, a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. (EVARISTO, 2016, p.76).

então incontestável. Toma para si o lugar de fala teorizado por Regina Dalcastagné (2012), daquele que se assume como autoridade para externar um olhar de dentro, contribuindo com a democratização do fazer literário num campo discursivo ainda excludente, elitista e uniforme.

Assim, a cada conto de “Olhos d’água”, o leitor retoma o convite para se articular com formas de viver, sobreviver, pensar e morrer numa sociedade que machuca, massacra e convida, de forma recorrente, tais mulheres negras a desistir dos sonhos, a interromper a caminhada, a violar vidas e a se entregar ao *status quo* — e, para além disso, a tomar consciência da sua importância, do seu fazer inerente à história e do seu papel na configuração da identidade brasileira. “Ainda me resto e arrasto aquilo que sou.” (EVARISTO, 2016, p.101), assinala a personagem Bica depois de velar, na companhia única da mãe, o corpo do irmão Idago — morto ao sair do barraco; “Nem desceu o morro. Vacilou, dançou. Minha mãe recebeu a notícia que ela já esperava. [...] Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou.” (EVARISTO, 2016, p.101). Na superfície, alternam-se personagens outrora igualados por lentes escuras vestidas e postuladas pelas instâncias de poder.

Neste aspecto, cabe considerar que as narrativas fazem questão de notabilizar não um lugar ou uma identidade menos visível dentro e fora da literatura, mas um lugar e uma identidade possíveis, existentes e necessárias a partir de uma construção discursiva mais visceral e potencialmente mais sensível, pois reatualiza a experiência do autor-narrador, salientando, como pontuaria Beatriz Resende (2008), a relevância do olhar de dentro — capaz de reverberar, na sua singularidade, a experiência de si e dos pares sem se perder ou se prender no excesso gratuito de realidade, na espetacularização ou exotização servil, nem forçar um viés documental desnecessário ao objeto, preservando propriedades políticas em sintonia com a natureza estética do texto.

Trata-se, neste sentido, de explorar, no plano ficcional, formas de viver, ver, (re)contar e relacionar a vida negra nos seus distintos ambientes de atuação, inscrição e enunciação — ou ainda, como diria Conceição Evaristo (2009), em estudo acerca da literatura negra, de uma poética perpassada pela subjetividade construída, experimentada e vivenciada pela mulher afrodescendente.

Desse modo, ao pontuar “quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse

‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.” (EVARISTO, 2009, p.18), a escritora convoca a existência de uma escritura que, ao transfigurar seus personagens e enredos cotejando a experiência, o faz a contrapelo da tradição literária e dos discursos hegemônicos oficiais, ressignificando e, concomitantemente, problematizando a textualidade afro-brasileira registrada pela e na historiografia literária — prática que encontra ressonância em Regina Dalcastagné (2012), quando pondera que a experiência de vida faz com que o sujeito capte o mundo social com base numa perspectiva própria, diferente; ainda que não neutra. “Lá fora, balas e balas, independente do desejo da mulher, executam continuamente a mesma e seca sonata. [...] Sobe o morro, desce o morro e se cansa dessa dança. Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi fora uns quatro ou cinco. Provoquei.” (EVARISTO, 2016, p.101).

Assim, ao estetizar, sem vacilo nas mãos, o lugar “não lugar” da mulher afro-brasileira socialmente marginalizada nas narrativas de ficção e fomentar a constituição e o reconhecimento de uma nova — ou de uma outra — poética literária marginal nacional, o interesse artístico de Conceição Evaristo parece também residir na possibilidade de tocar a história e/ou renunciar à própria história para reescrevê-la, mimeticamente, no espaço literário na perspectiva daqueles que, antes dela, com ela e como ela, buscam (re)[a]firmar o seu lugar social — dentro e fora da arte — para “re-essencializá-lo”. O que possivelmente refletirá no registro da história literária e na revisão do olhar estereotipado sobre a textualidade afro-brasileira, oferecendo, ao leitor de hoje e de amanhã, páginas ampliadas dessa história. Ademais, sugere, como ato adicional e/ou natural de resistência política e liberdade poética, suscitar a promoção da inclusão e do fortalecimento da representatividade da voz negra e feminina no processo de produção e difusão cultural sem se amarrar à preocupação de erguer bandeiras ideológicas e/ou documentar parte da realidade para contestá-la. Afinal, têm-se, em “Olhos d’água”, um grito, um silêncio, uma verdade, um painel textual que oferece chaves de leitura acerca de tal vertente das poéticas marginais contemporâneas.

**Referências:**

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: UERJ, Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: \_\_\_\_\_. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008, p. 15-40.